

**Após chegar ao pico em janeiro, Ômicron da sinais de recuo no RS**

COVID-19

# Ômicron entra em queda no RS, mas em patamares altos

**MARCEL HARTMANN**  
marcel.hartmann@zerohora.com.br

A onda de covid-19 gerada pela Ômicron, que chegou ao Rio Grande do Sul em dezembro, finalmente começa a entrar em queda no Estado, segundo estatísticas da Secretaria Estadual da Saúde (SES-RS) e especialistas entrevistados por Zero Hora. Todavia, o nível de transmissão segue alto – e há receio de que Carnaval e volta às aulas presenciais provoquem repique, o que adiaria em algumas semanas a chegada a um cenário mais seguro.

O primeiro indicador a apresentar queda foi o de casos: em 28 de janeiro, o Rio Grande do Sul chegou à média de 17,3 mil infecções diárias, recorde da pandemia. A partir dali, perdeu força, a despeito de um leve repique – atualmente, a média é de 12,4 mil casos diários, queda de 28,5% desde 28 de janeiro.

A média de hospitalizações por coronavírus em leitos clínicos atingiu pico de 1.350 pacientes em 6 de fevereiro – momento a partir do qual há queda contínua. Ontem, a média era de 1.166 internados, redução de 13,6% desde então.

A ocupação de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), cuja tendência demora a ser alterada em função do tempo transcorrido entre infecção e agravamento, caminha para estabilidade, apesar do pouco tempo de platô. Após pico de 576 pacientes em média com coronavírus em 10 de fevereiro, ontem, cinco dias depois, eram 572.

**Mortes**

Por fim, a média de vítimas da

“A curva realmente está caindo, há sinais claros de queda nos últimos dias. Em hospitalizações, cai há uma semana. A curva de casos parece que começou a cair, temos risco de atraso, mas parece realmente haver certa queda. Óbitos precisamos de mais dias para confirmar se realmente há queda. O grande problema são os níveis em que a gente se encontra, ainda muito altos.”

**SUZI CAMEY**  
Epidemiologista e integrante do Comitê Científico do Piratini

vacinados e 28,5% receberam a dose de reforço.

Se países como França, Austrália, Reino Unido e Canadá levaram de quatro a seis semanas para chegar ao ápice de casos de Ômicron, o Rio Grande do Sul levou cerca de quatro semanas, diz a epidemiologista Suzi CAMEY, integrante do Comitê Científico do Palácio Piratini. Ela entende que os alertas enviados pelo governo do Estado a municípios e população alteraram o comportamento de parcela dos gaúchos, o que contribuiu para abreviar o pico para antes de seis semanas.

– A curva realmente está caindo, há sinais claros de queda nos últimos dias. Em hospitalizações, cai há uma semana. A curva de casos parece que começou a cair, temos risco de atraso, mas parece realmente haver certa queda. Óbitos precisamos de mais dias para confirmar se realmente há queda. O grande problema são os níveis em que a gente se encontra, ainda muito altos – afirma.

– Estamos com média de casos 50% superior ao auge da Delta: em 10 de março de 2021, eram

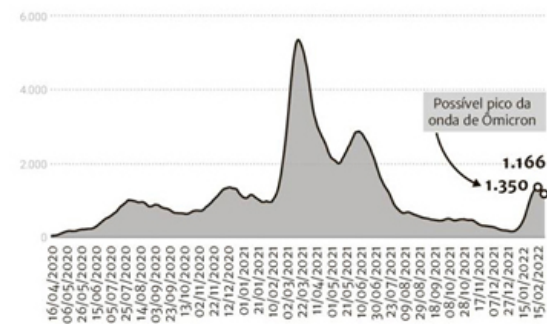
**Os números da variante**

**MÉDIA MÓVEL DE CASOS**



**MÉDIA DE INTERNAÇÕES EM LEITOS CLÍNICOS CAI HÁ MAIS DE UMA SEMANA**

Possível pico ocorreu em 6 de fevereiro



Fonte: Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul (SES-RS)

## Volta às aulas e Carnaval

A realidade de nações europeias nas quais a onda de Ômicron está se tornando página do passado indica que há duas possibilidades para o Rio Grande do Sul nas próximas semanas. A primeira é o cenário de países como o Reino Unido, que atingiu ápice de casos

de Carnaval devem adiar para abril um cenário de estatísticas próximas às de dezembro, reflete a epidemiologista Suzi CAMEY.

Para ela, é pouco provável que o RS alcance em fevereiro pico superior a janeiro, como na Austrália, devido ao grande número de

